- I -

A figura gentil de Antônio Sales

J. J. de Pontes Vieira

FAÇO, neste momento, um supremo esforço, para cumprir uma alta missão, que, a pesar de me ser grata, é, ao mesmo tempo, penosíssima, por que ultrapassa demasiado as minhas possibilidades literárias. Obrigome a uma enérgica reação espiritual para conservar a necessária serenidade, à altura desta homenagem, que me traz tão comoventes recordações.

É que venho falar de uma individualidade para quem foi tão grande a minha estima quanto a admiração que lhe eu devotava. Já no meu tempo de infância, ao ouvir, em família, o nome de Antônio Sales, sentia que ele pairava sobre nós como um nume tutelar, tanto pelo respeito que nos infundia o seu carater, quanto pelos momentos encan-

tadores que nos proporcionavam as jóias esparzidas de sua pena privilegiada.

Por um imperativo do destino, vejo-me, nesta oportunidade, na mesma posição a que me levou a Academia Cearense de Letras, quando havemos de homenagear à memória puríssima de José Sombra. Após nove anos, eis-me presa das mesmas emoções, por que sinto quão semelhantes foram os dois excelsos espíritos que tanto dignificaram a nossa Terra, pela inteligência, pela excelência de caracteres e pela extraordinária bondade que os enobrecia.

Lembro-me que não estive presente àquela magna sessão o homenageado de hoje, que tanto ao primeiro se igualava pelo coração e nobreza de atitudes; por que Antônio Sales, já a esse tempo, era forçado ao retraimento, pela enfermidade que combalia o seu delicado organismo.

Acompanhou-nos, todavia, em pensamento e, com fraterno carinho e delicado interesse, leu e sentiu conosco as orações então proferidas e as emoções nelas provocadas.

E em tudo o que se proclamou naquela noite de saudades profundas, nenhuma idéia ou conceito encantou e comoveu tanto, e tão bem emoldurou a amável personalidade de José Sombra, como a frase que alí foi transmitida pelo representante do Instituto do Ceará, o primoroso Leonardo Mota, extraída da pena de Antônio Sales, glorificadora da memória daquele cuja vida tantos paralelismos morais tinha com o próprio autor:

«Existências belas como a de José Sombra, disse ele, e, acrescentamos nós, como a de Antônio Sales, ainda no momento em que se extinguem, prestam serviço à comunidade, avivando-lhe a sensibilidade, despertando-lhe o sentimento de admiração e fazendo-lhe sentir o valor das nobres consciências e das inteligências superiores.»

Meus caros confrades:

A impressão que eu tenho é de que se encerrou, para o Ceará, o mais expressivo capítulo de sua história literá-

ria. A vida e atuação de Antônio Sales constitui um trecho imenso e admirável de nossa tradição de arte escrita. É período que se não reproduz, por que o nosso amado Poeta, com o conjunto de predicados que compunham a sua organização mental, pelo muito que atuou e produziu, é, infelizmente, insubstituível.

Sinto que o Ceará sofreu um colapso, e só dificilmente, e com tempo, voltará a recuperar o lugar de relevo conseguido por alguns dos seus grandes filhos, dos quais o Sales foi o último a extinguir-se.

Outros, talvez, maiores do que ele passaram e virão; alguns de mais intensa projeção transitaram e surgirão. Nenhum, porém, riscou o traço marcante de sua atuação inconfundível, sem par, não deixando sequer sucessores.

O poeta e suave prosador identificou-se visceralmente com a nossa Terra, amou-a na sua tradição, nas suas dores e nas suas glórias. Exprime ele, por vários motivos, muito mais do que um ponto de referência na história literária cearense, visto que nucleou, como figura principal, um movimento que teve a duração de quase meio século.

Há na sua individualidade uma faceta que me impressiona vivamente: o caráter, a honra, o aspecto moral da vida — preocupou e definiu arraigadamente a personalidade do querido romancista. Não compreendia (ou não se conformava) que um grande nome nas letras, nas ciências, ou mesmo em qualquer aspecto da vida social, não tivesse a aureolá-lo uma perfeita moralidade, valendo para ele, muito mais do que o prisma intelectual, a dignidade pessoal do escritor.

Sempre que o ouvi, referir-se a um amigo ou a um nome nas letras consagrado, nunca deixou de completar a sua apreciação com a observação em torno de seu caráter individual ou de sua probidade profissional. E que repulsa experimentava por aqueles que não prezavam os princípios rígidos da honra e do civismo, por maior que fosse a sua projeção mental!

Machado de Assiz, Joaquim Nabuco, Afonso Celso, o Visconde de Taunay, Domício da Gama, Inglês de Sousa,

Lúcio de Mendonça, José Veríssimo, João Ribeiro, Belmiro Braga, não lhe mereceriam tanto, se não tivessem a ornar-lhe a frente o severíssimo conceito de alta e rara moralidade.

«Quando, e em que tempo do espaço, perguntou Cruz Filho, parafraseando Maria Amália Vaz de Carvalho, se tornarão a reunir integralmente as relampejantes energias que constituíam sobre a terra a individualidade marcante, mental e moral, de Antônio Sales? »

Nasceu o nosso Poeta na linda praia do Parazinho, arrabalde marítimo de Paracurú. Em pesquisas que diligenciei no seu arquivo, por gentil concessão de minha estimada prima e sua inconsolável viuva, conseguí os ligeiros traços a lapis de sua auto-biografia que para aquí transcrevo, como nota de curiosidade, pelo sabor de ineditismo e sinceridade.

Perguntaram-lhe, um dia, a data de seu nascimento, e ele respondeu :

«Quando um escritor passa de certa idade, a sua idade se torna incerta como a das mulheres, e o melhor é não falar nisso. Mas sempre lhe direi que estou com os cabelos brancos em grande parte, e já tenbo algumas rugas bastante pronunciadas. Quanto aos colégios em que estudei, declaro que não estudei em nenhum. Apenas cursei as escolas primárias de Paracurú e Soure. Antes mesmo da escola primária — eu comecei a ler correntemente com menos de cinco anos de idade, mas esse [explicitou com muita graça] foi o único prodígio de minha vida . . . Tendo meu pai perdido a vista e com ela o começo de fortuna que ia formando em Paracurú, ficamos reduzidos à pobreza, e assim, não podendo ele mandar-me estudar, orientou-me para o comércio da Capital, onde, aos catorze anos de idade, tornei-me auxiliar de escrita. Mas essa escrita tinha somente expressões comerciais e algaris-

mos.» (Semelhante a Machado de Assiz, “a alma grega exilada em nossos mares”, o nosso poeta teve que recorrer ao labor comercial, antes de iniciar-se no mundo das letras.)

«Quando eu estava com cinco anos de idade, meu pai, que tinha vindo à Capital, comprar sortimentos para a loja, levou-me de presente, entre outras coisas, um exemplar das “Primaveras” de Casimiro de Abreu. Creio que daí veio todo mal... Decorei esse livro inteiro e recitava seus versos em público, quando era solicitado. Mas, quanto a fazer versos, os primeiros que perpetrei foi um acróstico com o nome de uma prima.»

Vejamos como o poeta custou a confiar no próprio valor. Relata :

«Houve em Fortaleza um grupo que compunha o “Clube Literário” e publicava a revista “A Quinzena”: eram João Lopes, Antônio Martinz, Farias Brito, Oliveira Paiva, Álvaro Martinz e outros. Um dia escrevi um soneto — o meu primeiro soneto —, que meti por baixo da porta da redação, firmado com um pseudônimo. O soneto foi publicado, e então apresentei-me e fui incorporado ao dito grupo. Meu primeiro livro foi “Versos Diversos”, um pequeno volume que teve um acolhimento simpático, quer no Ceará, quer no Rio. Mais tarde publiquei “Trovas do Norte”. Fundei com outros rapazes a “Padaria Espiritual”, que teve o seu minuto de celebridade.»

Abramos aqui um parêntese para uma ligeira apreciação sobre este espirituoso e original movimento da literatura regional. Essa interessantíssima página de nossa história literária diz, admiravelmente, da alta combatividade de Antônio Sales, alma e pensamento de todo aquele alegre episódio. Não que ele tivesse o cérebro escaldado de Lúcio de Mendonça, aquela mocidade rebelde que farpeava, “como um ferrabrás de imaginação”, *que a humanidade*

só se salvaria se bebesse o sangue do último dos padres pelo crânio do último dos reis. Não. Sales, a pesar das muitas afinidades que teve com esse seu irmão de ideal, foi uma mocidade diferente, sem barulhenta rebeldia e sem maiores irreverências. Era, porem, um sutilíssimo ironista, às vezes mordaz, porem gracioso. Dele direi como de Afonso Celso proferiu José Veríssimo :

«Era um moço exuberante, entusiasta, liberal, cavalheiro, enamorado, lírico, com uma límpida e tênue veia poética, brilhando por sobre as margens risonhas de uma juventude embalada pelas mais fagueiras esperanças . . . »

O que foi a “Padaria Espiritual”, dá-lo Frota Pessoa, em artigo para a imprensa do Rio, há vários anos, nem todos o saberão :

«Em 1892 o Ceará fervilhava de poetas, que não sabiam que fazer de suas horas de ócio, e como arranjar auditório para as suas lucubrações. Por que é esta a angústia principal que constringe a literatura provinciana — a falta de publicidade, de respiradouro. Veio então a alguns deles, e creio que particularmente a Antônio Sales, a idéia magnífica de fundar a “Padaria Espiritual”, ao mesmo tempo literária e desopilante.» (A própria denominação foi inspiração de Antônio Sales.) «Eram, apenas, vinte os seus sócios, entre os quais : Antônio Sales, Adolfo Caminha, Álvaro Martinz, Sabino Batista, José Maria Brígido, José Carlos Júnior, Eduardo Sabóia, Lopes Filho, Lívio Barreto, Rodolfo Teófilo, Jovino Guedes, Ulisses Bezerra, Cabral de Alencar, Moura Ferreira, Antônio de Castro, Xavier de Castro, Roberto de Alencar, Tibúrcio de Oliveira, alguns artistas incorporados, o maestro Henrique Jorge, Carlos Vitor, Francisco Sá (desenhista) e outros, e cada qual com o seu nome de guerra : Moacir Jurema, Anatólio Gerval, Lúcio Jaguar, Paulo Kandalas-

kaia, Lucas Bizarro, Sarazate Mirim (Henrique Jorge), Aurélio Sanhaçú, etc. O programa de instalação, da feitura de Antônio Sales, fez, por muitos dias, a delícia da população de Fortaleza, pela verve fácil com que era redigido.

«Por um de seus artigos, ficava criado um livro especial para registrar-se o nome comum e o de guerra de cada *padeiro*, sua naturalidade, idade, estado, profissão, a fim de poupar-se à posteridade o trabalho dessas indagações. Era formalmente proibido aos padeiros usar palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes» (*cardápio, lu-civelo*, etc.). «Era igualmente proibido fazer qualquer referência à rosa de Malherbe, e escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos alburns; proibido ainda falar, nas suas produções, de cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc. . Punido com expulsão imediata, o padeiro que recitasse ao piano. Nesse tom era todo o programa. Mas, a pesar dessa aparência de alta e exclusiva troça, os rapazes tomaram a sério o cultivo das letras e trabalharam.

«Adolfo Caminha escreveu “A Normalista”; Antônio Sales, as “Trovas do Norte”; Lopes Filho, “Os Fantos”; Eduardo Sabóia, “Contos do Ceará”; José Carvalho, “Contos Sernatejos”; Rodolfo Teófilo, “Brilhantes” e “Maria Rita”; Sabino Batista, “Flocos” e “Vagas”; Xavier de Castro, “Cromos”; Antônio de Castro, “Marinhas”, e Lívio Barreto, “Dolentes”.

A “Padaria”, diz Antônio Sales, «se interessava por tudo o que dizia respeito às letras e às artes»:

«As famílias faziam sereno à porta do *Forno* para assistir às sessões. O chefe da turma era o *padeiro-mor*, o 1.º *forneiro*, 1.º secretário, postos que foram por algum tempo ocupados por Jovino Guedes e Antônio Sales.

«No Forno foram recebidas as visitas de Pardal Mallet, quando passou desterrado para Cucuí, e de Raimundo Correia, quando aqui esteve a passeio, recomendado especialmente ao autor de “Versos Diversos”.»

Para se ter melhor idéia do que foi a “Padaria”, leamos, contado por ele, o seguinte episódio :

«O belo poeta Lívio Barreto teve uma aventura sensacional: em viagem de Camucim para cá, naufragou e, ensopado e tremendo, escreveu na praia a poesia “Náufrago!”, que leu no Forno, ainda transtornado pelo desastre e metido numas vastas roupas que lhe haviam emprestado.»

Fale ainda Frota Pessoa :

«A “Padaria”, como era natural, fundou “O Pão”, seu órgão na imprensa. Este pouco durou, mas os seus números, principalmente os primeiros, eram de uma verve louca, com deliciosas crônicas de Antônio Sales e bons versos.

«E assim chegou ao Sul a fama da “Padaria”; e em breve, conclue o cronista, por todo o Brasil, ficou ela conhecida, e com ela o nome de Antônio Sales, o seu principal criador e a sua alma.»

Voltemos, agora, à autobiografia, interrompida pela nota a esse período em que tanto se expandiu o espírito cearense.

Escreveu o Poeta:

«Tendo verificado que não tinha embocadura para o comércio, voltei-me para o funcionalismo. E, ao mesmo tempo, enfronharam-me na política, tendo chegado a ser Secretário dos Negócios do Interior no governo do Cel. Bezerril Fontenele, e depois deputado estadual.

«Trabalhei, assiduamente, na imprensa cearense com João Lopes, João Cordeiro, Justiniano de Serpa, Valdemiro Cavalcante. Mas, tendo verifica-

do também que não tinha certas qualidades (ou certos defeitos) para a vida política, demití-me do cargo de secretário de estado e fui tentar a vida no Rio. Coloquei-me no Tesouro Nacional, ao mesmo tempo que me ingressavam na imprensa, como redator do "Correio da Manhã", que acabava de aparecer. Nesse jornal, além de crônicas e artigos literários, fiz, durante mais de três anos, a seção "Pingos e Respingos" . . . Até que um dia, por motivo de umas quadrinhas em que zurzi o Ministro J. J. Seabra, fui transferido, com decesso, para o Rio-Grande do Sul, onde passei alguns meses e de onde voltei pouco menos do que moribundo . . .

«Mas, ao mesmo tempo que entrava para o "Correio da Manhã", fui acolhido na roda ilustrada da "Revista Brasileira", sob os auspícios de um grande amigo — José Veríssimo.»

Foi nessa época que ele publicou o seu notável romance "Aves de Arribação" e "Poesias", colaborando então em muitos jornais: "Paiz", "Debate", "Século", "Imprensa", "Tribuna", "Época", "Folha do Dia", "Jornal do Comércio", "Diário de Pernambuco", "Correio Paulistano" e "Província do Pará". Relata a seguir a sua aproximação com José Veríssimo, de quem se fez tão íntimo, a ponto de uma tradução sua, para a livraria de Garnier, do livro "Il Promessi Sposi" de Manzoni, ter sido publicada como de autoria de José Veríssimo, que recebeu a remuneração e a entregou a Antônio Sales, que não figurou como tradutor, por não ser o seu nome bastante conhecido. Foi a esse tempo que ele escreveu os perfis dos primeiros acadêmicos, da Academia Brasileira, na revista de Veríssimo.

Fala na sua volta ao Ceará, na primeira reorganização da Academia Cearense de Letras, sob os auspícios de Justiniano de Serpa, então no governo do Estado. Relata a campanha de toda a imprensa cearense, de todas as organizações de classe em prol de sua candidatura à Acade-

nia Brasileira, para a qual não entrou, por que nunca se dispôs ao pleito.

O próprio discurso de recepção apavorava-o.

Termina assim a autobiografia :

«Tenho ainda inédito um grande volume de versos, que já se intitulou “No Caminho da Vida”, já virou “Águas Passadas” e é provavel que ainda tome outro título, quando aparecer em público, o que não é nada certo. Tenho ainda um volume de pensamentos, epigramas e cantigas, que intitulei “Pensando, Sorrindo e Cantando”. E ainda mais um volume de versos humorísticos, “Fora do Sério”, a maior parte dos quais foram publicados nos “Pingos e Respingos” do “Correio da Manhã”, nas “Aglulhas e Alfinetes” do “Século” e noutros jornais do Rio.

«Tenho artigos de revistas e jornais que dariam alguns volumes, que não penso em editar ; e estou, há muitos anos, com um romance meio pronto, que nunca mais acabei, por falta de saude e estímulo.

«Não sou um Masséna, *un enfant chéri de la Victoire*, e assim não quero competir com as estrelas e os astros solares da literatura.»

Aquí, parece que o autobiografado quis fazer sutilíssima alusão ao autor de “Terra de Sol”, com quem se inimizara.

Eis o que o Poeta disse de si, em traços rápidos a lapis, em perfeito recolhimento de seu grande espírito.

Faltou a António Sales, para consagrar-se um valor ombro a ombro oom José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Afonso Celso, Coelho Neto, Luiz Guimarães, Domício da Gama, Belmiro Braga e outros. uma certa audácia. Necessário seria vencer a sua inata timidez ; que ele reduzisse algo a alta noção de responsabilidade, não deixando, com despreendimento apostolar, passar tantas oportunidades que se lhe depararam na vida, quer no mundo literário ou nas com-

petições políticas. Por que ele, além de um mavioso poeta, de alta expressão e raro sentimento, foi também um crítico de têmpera finíssima, jornalista de altivez indomável e romancista elegante e apaixonado.

Como jornalista de caráter inquebrantável, enfrentou sérias e prolongadas campanhas, nas quais sabia zurzir, em golpes de admiráveis efeitos, a pele adversária, sempre gente de domínio político, que o visava com ódio mesquinho e vingativo.

Em consequência de uma dessas lutas, em que representou papel do mais assinalado relevo, partilhou do triunfo que conseguiu a sua agremiação partidária, galgando esta e não ele, no Ceará, as posições governamentais.

Chegando a oportunidade de organização da chapa de deputados federais, o nome do jornalista intemerato nela foi incluído, à sua inteira e absoluta revelia, como um preito espontâneo de justiça que lhe prestavam os seus correligionários reconhecidos. Levada a chapa para a sua aprovação, examinou-a detidamente e exclamou:

«Falta um nome. Não compreendo uma eleição, neste momento, no Ceará, sem o nome do Dr. M... É absolutamente necessário contemplá-lo.»

Responderam-lhe :

«Não se tem mais lugar. Impossível sacrificar os que aqui figuram.» «Temos um lugar», -- retrucou incontinentemente o Poeta. «Como?»

Pegou do papel, riscou o próprio nome e sobre ele escreveu o de estimado médico, que, por cerca de 18 anos, esteve representando a terra de Alencar e de Antônio Sales, na Câmara Federal. E não admitiu discussões... E o nome do Poeta nunca mais voltou a ser objeto de cogitações em chapas políticas...

Com a ascensão de Justiniano de Serpa ao poder, muito desejou este presidente fazer do Poeta seu Secretário do Interior e Deputado Federal. Mas o grande romancista o advertia:

«Acima de tudo prezo a nossa amizade. A minha volta à política não pode deixar de oferecer

muitas oportunidades de desgostos e aborrecimentos. Prefiro evitá-los e continuar seu amigo.»

E jamais consentiu em aceitar qualquer posto dos que o ilustre presidente lhe oferecia.

Os admiráveis perfís que escreveu, dos sócios fundadores da Academia Brasileira de Letras, mereceram entusiástico encômio do Visconde de Taunay, que os considerou «excelentes estudos de crítica, que mostram um escritor de pulso e muita ponderação».

Não fosse o seu exagerado escrúpulo, e apenas com uma pequena bagagem literária teria ingressado na Academia Brasileira, conforme insistiram os seus notáveis amigos Taunay, Machado de Assiz, Lúcio de Mendonça e, sobre todos, Raimundo Correia, que, segundo relata o Poeta, se fizera o propagandista de sua candidatura.

Recusou ainda acompanhar, na qualidade de secretário particular, o grande Nabuco, quando nomeado embaixador especial em Londres, encarregado de defender a causa do Brasil, na questão do Amapá, no começo da vida republicana brasileira.

Muitos o acusavam de vaidoso... Mas, se vaidade alimentou o querido autor de "Minha Terra", foi apenas a de conservar íntegro o seu caráter e de manter, em todas as suas atitudes, a bravura moral, e extraordinária energia cívica, qualidades que vão rareando num crescendo assustador.

Os gestos que acabo de descrever dizem, eloquentemente, do seu incomum desprendimento e da ausência completa de vaidades futeis.

Quem-quer que externasse uma atitude de dignidade, merecia do amável pinelador de "Retratos e Lembranças" largos conceitos de admiração e palavras de grande estímulo. Na minha longa convivência com ele, aproximação que me permitia o estreito parentesco que nos unia, testemunhei muitas dessas cenas íntimas.

Como cidadão de extrema bondade, definiu-o comoventemente o encantador Cruz Filho, o seu irmão em arte, magnífico talento a estiolar-se em incorrigível boêmia:

«Se o coração não tivera perdido o seu antigo conceito desde a definição de Bichart, que o restituiu cientificamente às suas próprias e reais funções, eu diria agora que o coração de Antônio Sales era o templo doirado daquela deusa esquiva.

«Quem-quer que dele se tenha aproximado terá sentido de certo as radiações de sua efusiva bondade, que se estendia além dos limites do círculo dos amigos íntimos.»

Foi Antônio Sales, ainda, um profundo estudioso das linguas latina e inglesa. Traduzia muito bem o italiano e conhecia todos os segredos do idioma de Vitor Hugo.

Estudava o francês com particular carinho, por que amava a França como sua segunda pátria.

Com que dor e desencatamento assistiu ele à derrocada do solo glorioso de Hoche e Bonaparte!... Mandou dizer a Cruz Filho :

«Quem lhe escreve aquí é um homem que não desejaria ter vivido até agora para assistir à morte da nossa França bem amada.

«Por que a *douce France* está bem morta; dela só resta o território: "*ubi Gallia fuit*".

«Pisam o solo sagrado de Lutécia as patas sacrílegas dos hunos, que allí entraram, na frase de Mozar Pinto, como um magote de cavalos numa catedral.»

Com que tortura assistiu ele aos últimos dias de liberdade francesa, ele que, em 1918, grafara este lindo soneto :

"À FRANÇA"

Oh! mestra universal, pátria segunda
de todo nobre espírito pensante!

A luz do resplendor que te circunda
chega da terra ao último habitante.

A liberdade é de teu solo oriunda,
d'Arte tu és o Partenon brilhante,
e na faina do Bem sempre fecunda,
teu braço não descansa um só instante.

Venceste! Subjugaste a barbaria
que a coroa de glória pretendia
arrebatar à tua majestade.

Tua vitória a todos nós pertence,
França! pois quando tua espada vence,
Vence com ela toda a humanidade.

Pode-se imaginar o sofrimento do Poeta, assistindo,
antes de morrer, ao reverso dos acontecimentos, com a in-
vasão da grande nação, pátria de todos os intelectuais.

Por aquele mesmo tempo, após a Grande Guerra, en-
viou ao glorioso Cardinal Mercier, arcebispo de Malines, o
seguinte perfil :

CARDINAL MERCIER

Haut docteur de l'Eglise, orgueil de la Science,
Doux Vieillard, dont l'esprit s'illumine sans cesse
Des rayons de la foi, du jour de la sagesse,
Comme vous méritez votre titre, Eminence !

La piété, l'amour, le savoir, la vaillance
Ont rendu votre cœur si grand, que sa noblesse,
Faite de fermeté, d'honneur et de tendresse,
Brille comme um soleil sur notre conscience.

Héros, saint et savant, votre front, insurgé
Contre l'outrage vil du brutal conquérant,
Sur le monde répand d'immortelles clartés.

Et si votre manteau, que l'on rêvait tout blanc
A l'égal de votre âme, apparaît empourpré,
C'est d'avoir essuyé le sang de vos enfants.

Difícilimo para quem se arroja a fazer a crítica da obra deste escritor integral e radicalmente nosso, que ascende às culminâncias dos melhores literatos nacionais, definir se ele foi melhor prosador ou melhor poeta.

Sei de mim que o adorava também como dulcíssimo prosador. Artigo, crônica, conferência ou livro seu, cuja leitura iniciasse, não a abandonaria, sem que experimentasse pena infinita de ter chegado ao fim. O Sales era desses escritores que deixavam saudades aos que liam a sua prosa amena, de estilo cheio de amavios e suavidades.

Na minha santa ignorância, pensei, a princípio, que só eu experimentava essa adorável sensação ao ler as suas produções.

A pouco e pouco, porém, em contacto com vários homens inteligentes das minhas relações, fui verificando que todos eles possuíam a mesma sensibilidade. A diversos ouvi confessar:

«Artigos de Antônio Sales não enfadam. Ninguém os deixa a meio. Quem inicia a sua leitura vai ao fim.»

E era o que, justamente, eu sentia. Ouví isto, um dia, do meu saudoso e eminentíssimo Mestre, Dr. Tomaz Pompeu, numa de suas agradabilíssimas tertúlias com os seus alunos, na Faculdade de Direito.

Ao ler o magnífico trabalho de Soares Bulcão, o seu comovente *mea culpa* por ter escrito tão tardiamente sobre o amavel filho do Parazinho, seu vizinho de rincão cearense e, como ele, tão cheio de sentimento pelo terra mater e martir, observei em sua singela confissão que são muito semelhantes os sentires dos admiradores do romancista de "Aves de Arribação":

«Foi ele incomparavel artista, que soube em-
prestar às cenas da vida as cores verdadeiras de
palpitante realidade.»

Posso afirmar e confirmar, pelo conhecimento direto
que tenho de certas personagens por ele pinceladas em
“Aves de Arribação”, a perfeição do retrato psicológico de
algumas delas. Sei bem quem foi, e muito conheci e dele
muito ouvi falar na minha infância, que viveu na psicolo-
gia de João Ferreira, o infeliz mandão de aldeia, no inte-
rior cearense.

Tive informação de atos deshumanos do tal chefóide,
tão ajustados a certas passagens que retratam o carater in-
gratíssimo do antigo condenado.

O promotor Alípio é o complexo de caracteres muito
conhecidos. Vemos o novel bacharel cheio de pretensões e
preconceitos, vaidoso das conquistas realizadas.

Os perfís de seu romance são reais e deliciosamente
pincelados. À altura dele, depois de Alencar, que paira em
plano à parte, com os seus adoraveis defeitos psicológicos e
extraordinários vãos de imaginação, deparamos, entre os re-
gionais, raríssimos escritores, que se fixam no mesmo nível,
como romancistas: Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, Ro-
dolfo Teófilo, Papi Júnior.

Na poesia, a sua ascensão é igualmente notavel.

“Minha Terra” é um suavíssimo poema de raro senti-
mento. Nele se externam vários aspectos cearenses, tão ao
sabor dos que sabem sofrer, com alma, as verdadeiras pe-
nas de intensa e profunda nostalgia:

A casa onde eu nasci, no Parazinho,
Já não existe mais.
Sou no mundo como a ave cujo ninho
Desmancharam os rudes temporais.

Não somente meu lar, mas toda aldeia,
Pousada à beira-mar,
Jaz sepultada num lençol de areia,
E ali ninguém jamais há de habitar...

O Parazinho é realmente, hoje, um grande morro que se prolonga, alvo, avassalador, invencível . . .

Muito apropriadamente, disse-o Clovis Monteiro :

«As obras literárias não representam apenas as qualidades intelectuais do autor, mas refletem de modo claro e positivo o feitiço do seu caráter, os sentimentos mais íntimos, demonstrando até, não raro, as causas que hajam concorrido para a formação de sua moral. É que o poema “Minha Terra” não exprime, apenas, as passagens, o drama e os aspectos cósmicos e sociais do Ceará. Reflete-se nele, com ampla intensidade, com um sentimento puríssimo de sinceridade, o temperamento, o caráter, o coração e a bondade do autor, com todo amor que experimentava pela terra que lhe foi berço . . . »

Versos cheios, áticos, belos, opulentos como os desse amoroso idealista, só se encontram nas antologias ao lado de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac ou Raimundo Correia.

Golpeia luz a névoa da montanha,
que logo brilha como acesa opala ;
o clangor dos galos se acompanha
do concertante que das frondes se ala.

Raras poesias no Brasil podem comparar-se ao “Ofertório” de “Minha Terra”.

Esposo o que dela foi dito por um dos nossos afamados críticos e brilhantes cronistas :

«Poeta parnasiano, sabendo lapidar a estrofe com a meticulosidade e a arte de ourives de Herédia, Antônio Sales quis, neste seu livro, fugir à tortura da forma, para melhor, e mais em consonância com a alma cearense, celebrar a terra natal. De feito, a poesia de “Minha Terra”, posto que seja vibrante, colorida e fúlgida, reveste-se daquela

simplicidade que é o segredo dos grandes artistas.»

Monteiro Lobato disse do mesmo livro :

«Se em cada estado surgisse um livro assim,
que rica pintura do Brasil teríamos!...»

Incomparavel, em verdade, é este maravilhoso “Ofer-
tório” de rimas esquisitas, admiraveis, e idéias soberbas e
grandiosas :

OH! MINHA TERRA !

Oh ! minha grande mãe de areia e argila,
Que um puro céu reflectes na pupila,
Mãi dolorosa, a quem às vezes
O vento e o sol declaram guerra
Durante longos, longos meses,
Ceifando vidas e fechando lares,
Matando a fauna, aniquilando a flora,
Reduzindo a desertos tumulares
As estâncias ubérrimas de outrora ...
Oh ! Minha Terra, cuja mente clara
Do pensamento altas belezas cria,
Na exuberância eugênica de seara,
Se em messes de ouro irrompe cada dia ...

O poema é realmente de sublimada inspiração.

IncurSIONEMOS mais uma vez nas suas poesias e tire-
mos ao léu um de seus sonetos quaisquer.

Experimentemos a sorte. Ouçamos esta inspiração no
curiosíssimo e interessante soneto

URUBÚ

Feio, bisonho e vil quando parado,
Quando voa é uma estética figura
De aviador, que, em vôo bem planado,
Longas horas evolve pela altura.

Mas não pensem que o azul lhe causa agrado.
Da imensidade luminosa e pura
Pasto ao seu apetite depravado
O sombrio necrófago procura.

De lá o seu olhar clarividente
A carniça descobre, e de repente
Como uma seta parte em rumo à terra.

E lá vai, lento e altíssimo, pairando,
A todos os viventes desejando
Males sem conta, — peste, fome, e guerra.

Que comparação belíssima e curiosa não faria o poeta,
do urubú, a certos homens, que quase sempre permanecem
nas alturas e nunca perdem o vezo de espostear na carniça
humana!...

Tão patriota quanto filho extremoso, o seu santo sentimento filial, e de brasileiro, está todo nestes admiráveis alexandrinos:

PÁTRIA

Não, a Pátria não é onde melhor é a vida,
Mas a estância natal do plaino ou da montanha
Onde à luz descerraste a pálpebra adormida
Na sombra e tepidez da maternal entranha.

É a terra onde vão ter descanso à humana lida
Esses cuja memória é luz que te acompanha,
E onde falaste a língua, a primeira aprendida,
Ante a qual toda mais é dissonante e estranha.

Terras, certo, haverá de mais poder e glória,
De mais resplandecente e mais antiga história,
Mais fecundas na paz e mais fortes na guerra!

Que te importa? Assim como à mais alta rainha
Preferes tua mãe, pobre e humilde velhinha,
Ao mais nobre país — prefere tua terra!

Um dos maravilhosos sonetos de Antônio Sales foi classificado pelo crítico impecável e sereníssimo que se chamou José Veríssimo como um dos melhores de nossa poesia contemporânea. Denominou-se

PESCA DA PÉROLA

O coração é concha biipartida :
Nós guardamos no peito uma metade,
E a outra (quem o sabe?) anda perdida
Entre as vagas do mar da humanidade.

Do escafandro das ilusões vestida,
Rindo, mergulha a afoita mocidade,
Buscando um ser que lhe complete a vida,
Que lhe povoe do peito a soledade.

Encontra algum essa afeição sonhada
E à tona sobe erguendo a nacarada
Valva que guarda a pérola do amor...

Outro, porem, de balde as aguas sonda,
Desce a rolar aflito, de onda em onda...
E não mais torna o audaz mergulhador!

Doce filósofo e grande poeta!...

Outro soneto, "Barra a fora", e os poemas "Manhã de Luto", "Em Vilegiatura", "Ode à Natureza", "O Sim", "O Sacrifício" foram destacados pelo crítico eminentíssimo como dignos de dar ao autor um bom lugar entre os melhores poetas, e mostravam, talvez, nele, «capacidade para uma forma de poesia menos estereotipada que a dos sonetos descritivos».

Entre outros, entretanto, de profundo conceito filosófico, foi destacado, por mais um crítico eminente, o Dr. Frota Pessoa, este, intitulado "A uma Pedra", «em que há uma alta e serena concepção, com um apuramento e, ao mesmo tempo, uma simplicidade de forma encantadora»:

Monstro silente, escuro monolito
De tez rugosa e atlética ossatura,
Bem sei que pugentíssima amargura
Rugas te pôs na face de granito !

Desde o dilúvio que este sol maldito
Numa fúria implacavel te tortura,
Jamais planta nem pássaro procura
Abrigar-se em teu seio de precito !

Infausto dia o dia em que surgiste
À superfície deste globo triste,
Que só miséria e sofrimento encerra !

Por que das aguas a brutal corrente
Não te deixou jazer eternamente
Na doce entranha maternal da terra ?

«Lendo-se com atenção, diz o crítico, medita-
damente, este belo soneto, vem-nos insensivelmente
à imaginação mil coisas humanas ou naturais, que
se referem à vetustez do universo, à inclemência
dos elementos — desse mar que desnudou a rocha,
desse sol que o abrasa de contínuo, — ao destino
do homem tão misérrimo, tão efêmero em confron-
to com a longevidade dessa pedra bruta e insen-
sível . . . »

Selecionar poesias de Antônio Sales é tarefa inacaba-
da, semelhante àquela primaveril sinfonia que ficou suspen-
sa por não encontrar um fim condigno ao seu desenvolvi-
mento e complexo de arte . . .

Quero finalizar esta apreciação, que fui obrigado, por
várias circunstâncias, a fazer de vóo, superficial e repleta
de falhas sensibilíssimas, relatando um lamentavel e cruci-
ante episódio na vida mental do grande poeta e digníssimo
escritor.

A pesar da imensidade de seu coração e da incorruti-
bilidade de seu carater, não lhe faltaram inimigos pérfidos

e pequeninos, que não mediam e nem escolhiam meios para enlamear a sua honra e probidade intelectual.

A sua doce sensibilidade foi posta à prova, em doloroso e cruel incidente literário que vou mencionar.

Em certa fase de sua vida, quando colaborava na imprensa do Rio, precisou de escrever a crítica de alguns livros oferecidos à redação, visando apreciações literárias.

O Sales, com sua verve formidável, humor finíssimo e fustigante ironia, entendeu de expor à troça uma publicação da autoria de um dentista pernambucano, tão tolo quanto pérfido e vilão.

A vingança desse covarde sacamolas foi de uma crueldade sem par.

Enviou ou conduziu à Lisboa o mimoso soneto "Visita Matinal", das "Trovas do Norte", dedicado por Antônio Sales à sua venerada Alice (sua esposa).

Fez o escrevinhador traduzí-lo para o espanhol e sottopôs um nome, Hermínio Palma, dado como versejador residente em Barcelona. Antedatou a versão espanhola, de modo a convencer que o soneto "Visita Matinal" representava simplesmente um plágio feio e cínico.

Ao chegar ao Brasil, a incrível perfídia, que desafiava as mais horrendas penas morais, por que visava aquela organização tão íntegra quão delicada, fez efeito de raio fulminador. A infâmia, acompanhada de baixas e soezes descomposturas, foi publicada em avulsos com larga distribuição pela imprensa do País.

A sensação foi enorme, preocupando amigos e inimigos.

Os primeiros, divididos em dois campos: uns decepcionados e outros numa expectativa dolorosa, sem poder crer no que liam e aguardando a defesa do Poeta, que não pode deixar de ser demorada e custosa.

Os segundos, que eram os partidários adutores da política oficial, não se cabiam em si, de contentes, por verem em fim destruído um valor autêntico a quem jamais puderam aniquilar.

Consultaram-se dicionários, bibliografias e antologias de poesias espanholas. Cartas foram dirigidas a Hermínio

Palma, em Barcelona, e eram devolvidas com a declaração de que o destinatário não era conhecido naquela cidade.

O livro que continha o soneto, dizia-se, intitulava-se "Malagueñas". E a miséria moral procurava assim revestir-se do cunho de veracidade.

Espalharam os seus inimigos que o polígrafo professor Tomaz Pompeu possuía o tal livro. O grande mestre respondeu, interpelado, que não só não possuía o livro, como jamais conhecera qualquer produção de Hermínio Palma, e deste nunca ouvira referências. A sua resposta foi publicada n-"O Pão". Após tantos momentos de profundo dissabor, foi esmagada a calúnia.

Entretanto, dezoito anos decorridos desse horripilante e asqueroso episódio, quando novamente se acenderam os ódios políticos no Ceará, por volta do ano de 1912, se estou certo, formando ainda o jornalista indomável nas hostes oposicionistas, os seus inimigos, preconcebidamente, e na ciência absoluta de que reproduziam uma infâmia, voltaram a atacar o grande escritor, a quem chamaram *plagiário* . . . publicando em duas colunas de um jornal desta capital os dois sonetos: o espanhol e a sua pseudo-tradução. Nova sensação! O episódio já estava esquecido dos velhos e os moços não tinham dele conhecimento. Dentre estes assistí a o meu amigo Martinz de Aguiar esforçar-se por fazer a defesa verbal do Poeta, em roda de amigos nossos, mas sem um ponto de apoio firme. Eu e ele, entretanto, alimentávamos uma confiança íntima de que viria a prova de não ser o nosso ídolo de então um plagiário vulgar. Não seria possível, dada a nossa admiração por seu raro caráter. De mim, apenas, prudentemente, solicitei dos nossos companheiros aguardassem a resposta do acusado. Certo do seu brio, eu confiava numa explicação satisfatória. Felizmente, dessa vez, a defesa não se fez esperar. No dia seguinte, o injuriado publicava o artigo "Ainda?...", que eu guardei com todo o carinho. O artigo esclarecia o que se passara há mais de três lustros.

Só os íntimos de Antônio Sales, que conhecíamos tão profundamente a delicadeza de sua organização moral, po-

demos avaliar quão doloroso foi para a alma do Poeta essa inqualificável vilania...

Ele, que era a maior expressão de probidade, antes de escritor, recebeu a pecha de ladrão de idéias e de rimas... Foi como uma chicotada que se vibrasse à face de um santo...

* * *

Oh! meu grande Poeta e dileto Amigo! Só em pensar o que tanto sofreste, também sofremos por amor à honra, ao conceito, ao caráter, à modéstia e à simplicidade, teus supremos ornamentos!

É este, entanto, o mundo em que vivemos! Tão errado, tão venenoso e mesquinho...

Poeta! A tua campa não se cerrou sobre ti, nem nela se finda quem escreveu o escrínio mavioso e maravilhoso de sentimento e bondade que foi a tua primorosa coleção de "Retratos e Lembranças"...

As lajes de teu sepulcro não finalizaram a existência de quem pode produzir o "Ofertório" e as tuas supremas e tocantes exortações... Não será um inanimado quem jamais renunciou e nunca fez concessões na ordem moral. Por que tu foste *integralmente o homem de bem que concebeu um arquétipo de verdade ou de beleza, de virtude ou de justiça, e dele procurou aproximar-se, resistindo a todas as contingências*, como o conceituou Ingenieros.

Tu continuas na terra conoseo, prolongado ainda na alma de tua carinhosa e inconsolável Alice, esposa da dor, por que não teve a ventura de ser mãe, enlevo da tua vida, que, neste momento, e em todos os momentos, desde que te ausentaste, nunca mudou de pensamento sequer.

Nela, nós te evocamos, e com ela nós choramos, curtindo a saudade imensa dos teus versos, das tuas doces conversas, do teu convívio encantador.

Por que tanto soubeste amar quanto dignificaste a vida e a existência do homem na terra.

Ascendeste para a imortalidade, por que foste, na fra-

se de um dos teus brilhantes panegiristas, «o espírito privilegiado que soube fazer de sua vida um poema de bondade, de virtude, de modéstia, de pureza, de dignidade e de amor no mais alto grau, no mais nobre, no mais belo sentido da expressão»!

Tu bem o disseste, quando sugeriste aos imortais fundadores da Academia Brasileira de Letras a divisa em verso alexandrino que define tão bem a honesta inspiração poética daquela "alma grega", de quem foste o mais fiel defensor:

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola...